

Cartas Chilenas

Teoria

Introdução

As Cartas Chilenas foram produzidas no contexto do Arcadismo, ao final do século XVIII, pouco antes da Inconfidência Mineira. Sua autoria foi desconhecida por bastante tempo, visto que elas eram assinadas por um pseudônimo, intitulado Critilo. Até o século XX, vários estudiosos investigaram sua linguagem e compararam com obras da época, chegando à conclusão de que Critilo, na verdade, era Tomás Antônio Gonzaga, poeta árcade.

Além disso, outros paralelos foram descobertos: da mesma forma que Critilo era Gonzaga, Santiago (a cidade que é o cenário da obra) era Vila Rica (em Minas Gerais), e o Chile era o Brasil. A questão da importância da autoria surge a fim de se compreender a intenção da obra: isso fica mais nítido quando se sabe quem escreve e em qual contexto se escreve.

Vejamos, a seguir, elementos relacionados à vida deste autor.

Tomás Antônio Gonzaga

Tomás Antônio Gonzaga (Porto, 1744 – Moçambique, 1810) foi um dos principais nomes do Arcadismo brasileiro. Apesar de ter produzido a maior parte de suas obras em Minas Gerais, o autor em questão possuía nacionalidade portuguesa. Gonzaga, em 1782, foi nomeado Ouvidor em Vila Rica e, além disso, apresentava relações de amizade com Cláudio Manuel da Costa, o introdutor do movimento árcade no país. Durante o contexto da Conjuração Mineira, Tomás Antônio Gonzaga foi preso e, depois, exilado em Moçambique, onde viveu até a sua morte.

Durante o contexto do fim do século XVIII, especificamente a partir de 1783, Vila Rica é governada por Luís da Cunha Meneses. Essa figura é satirizada nas Cartas Chilenas como um fanfarrão (por isso a necessidade de as cartas serem anônimas e recorrerem a pseudônimos), visto que, na realidade, Luís da Cunha coloca o estado de Minas em crise durante o contexto do ouro: afinal, ele toma a frente da exploração, a fim de enriquecer o reino de Portugal.

Porém, antes de adentrarmos mais nas características das *Cartas*, vamos lembrar as obras de Tomás Antônio Gonzaga, que o qualificam como um autor árcade. O autor foi conhecido por suas liras, especialmente *Marília de Dirceu*. Essas Liras dividem-se em duas etapas: a que recebe maior atenção por dialogar, diretamente, com os aspectos árcades, que são os dramas de amor em clima pastoril; e a que representa a prisão e o exílio do autor em Moçambique.

Características das Cartas Chilenas

Tais cartas foram publicadas apenas no século XIX e, de acordo com os estudos mais recentes realizados, pressupõe-se que foram produzidas entre 1788 e 1789, um pouco antes da Inconfidência. Para ter acesso completo à obra, acesse o site do **Domínio Público** clicando [aqui](#).

- Teor extremamente satírico e crítico
- 13 cartas com versos decassílabos e brancos
- Versos no limiar entre o poético e prosaico (sem os exageros do Barroco, que veio antes, ou do Romantismo, que vem depois)
- Caráter extremamente irônico, pautado em:
 - Escritas em castelhano por Critilo e traduzidas em português por um anônimo
 - Pseudônimos
 - Nomes dos locais alterados (Chile = Brasil; Santiago = Minas Gerais...)
- Imitação do bem
- Indignação com o mal

Para refletir: quais os limites da sátira?

Muitos podem deduzir que, considerando o caráter crítico das Cartas Chilenas em relação ao governo tirano, tal obra assume um caráter mais revolucionário; no entanto, não é bem o caso. Ainda que houvesse críticas claras à tal governante, a fundamentação seguida é mais conservadora: a lei e o sistema são bons, o único 'errado' seria o governante.

Além disso, nota-se, no texto (como apontado no segundo texto de apoio abaixo), um discurso machista. Somado a isso, há também a presença de um caráter elitista e que naturaliza a escravidão, sem mencionar a hipocrisia, a violência e o abuso de autoridade em determinadas passagens. Logo, é preciso tomar bastante cuidado antes de considerar tal obra 'revolucionária', porque, especialmente, ao olharmos com os olhos atuais, veremos que não é bem o caso.

Textos de apoio - Trechos extraídos das Cartas Chilenas

Texto I

Carta 1ª

Amigo Doroteu, prezado amigo,
 Abre os olhos, boceja, estende os braços
 E limpa, das pestanas carregadas,
 O pegajoso humor, que o sono ajunta.
 5 – Critilo, o teu Critilo é quem te chama;
 Ergue a cabeça da engomada fronha
 Acorda, se ouvir queres coisas raras.
 "Que coisas, (tu dirás), que coisas podes
 Contar que valham tanto, quanto vale
 10 – Dormir a noite fria em mole cama,
 Quando salta a saraiva nos telhados
 E quando o sudoeste e outros ventos
 Movem dos troncos os frondosos ramos?"
 É doce esse descanso, não te nego.
 15 – Também, prezado amigo, também gosto
 De estar amadornado, mal ouvindo
 Das águas despenhadas brando estrondo,
 E vendo, ao mesmo tempo, as vãs quimeras,
 Que então me pintam os ligeiros sonhos.
 20 – Mas, Doroteu, não sintas que te acorde;
 Não falta tempo em que do sono gozes:
 Então verás leões com pés de pato,
 Verás voarem tigres e camelos,
 Verás parirem homens e nadarem
 25 – Os roliços penedos sobre as ondas.
 Porém que têm que ver estes delírios
 Co'os sucessos reais, que vou contar-te?
 Acorda, Doroteu, acorda, acorda;
 Critilo, o teu Critilo é quem te chama.
 30 – Levanta o corpo das macias penas;
 Ouvirás, Doroteu, sucessos novos,
 Estranhos casos, que jamais pintaram
 Na idéia do doente, ou de quem dorme
 Agudas febres, desvairados sonhos (...)

Texto II

(...) As longas calças pelo umbigo atadas,
 Amarelo colete e sobre tudo
 Vestida uma vermelha e justa farda
 De cada bolso da fardeta, pendem
 Listadas pontas de dois brancos lenços;
 90 – Na cabeça vazia se atravessa
 Um chapéu desmarcado, nem sei como
 Sustenta o pobre só do laço o peso.
 Ah ! tu, Catão severo, tu que estranhas
 O rir-se um cônsul moço, que fizeras
 95 – Se em Chile agora entrasses e se visses
 Ser o rei dos peraltas quem governa ?
 Já lá vai, Doroteu, aquela idade
 Em que os próprios mancebos, que subiam
 À honra do governo, aos outros davam
 100 – Exemplos de modéstia, até nos trajas.
 Deviam, Doroteu, morrer os povos
 Apenas os maiores imitaram
 Os rostos e os costumes das mulheres
 Seguindo as modas e raspando as barbas.
 105 – Os grandes do país, com gesto humilde
 Lhe fazem, mal o encontram, seu cortejo;
 Ele austero os recebe, só se digna
 Afrouxar do toutiço a mola um nada,
 Ou pôr nas abas do chapéu os dedos.
 110 – Caminha atrás do chefe um tal Robério
 Que entre os criados tem respeito de aio;
 Estatura pequena, largo o rosto,
 Delgadas pernas e pançudo ventre,
 Sobejo de ombros, de pescoço falto;
 115 – Tem de pisorga cores e conserva
 As bufantes bochechas sempre inchadas.
 Bem que já velho seja, inda presume
 De ser aos olhos das madamas grato
 E o demo lhe encaixou que tinha pernas
 120 – Capazes de montar no bom ginete
 Que rincha no Parnaso. Pobre tonto!
 Quem te mete em camisas de onze varas!
 Tu só podes cantar, em coxos versos
 E ao som da má rebeca, com que atroas
 125 – Os feitos do teu amo e os seus
 despachos.(...)

Texto III

CARTA 9ª

Em que se contam as desordens que Fanfarrão obrou no governo das tropas.

Agora, Doroteu, agora estava

Bamboando, na rede preguiçosa

E tomando, na fina porcelana,

O mate saboroso, quando escuto

5 – De grossa artilharia o rouco estrondo.

O sangue se congela, a casa treme,

www.nead.unama.br

54

E pesada porção de estuque velho,

A violência do abalo despegada

Da barriguda esteira, faz que eu perca

10 – A tigela esmaltada, que era a coisa

Que tinha, nesta casa, de algum preço.

Apenas torno em mim daquele susto,

Me lembra ser o dia em que o bom chefe,

Aos seus auxiliares, lições dava

15 – Da que Saxi chamou pequena guerra.

Amigo Doroteu, não sou tão néscio,

Que os avisos de Jove não conheça.

Pois não me deu a veia de poeta,

Nem me trouxe, por mares empolados,

20 – A Chile, para que, gostoso e mole,

Descanse o corpo na franjada rede.

Nasceu o sábio Homero entre os antigos,

Para o nome cantar, do grego Aquiles;

Para cantar, também, ao pio Enéias,

25 – Teve o povo romano o seu Vergílio:

Assim, para escrever os grande feitos

Que o nosso Fanfarrão obrou em Chile,

Entendo, Doroteu, que a Providência

Lançou, na culta Espannha, o teu Critilo.

30 – Ora pois, Doroteu, eu passo, eu passo

A cumprir, respeitoso, os meus deveres

E, já que o meu herói, agora, adestra

Esquadras belicosas, também, hoje,

Tomarei por empresa só mostrar-te

35 – Que ele fez, na milícia, grandes coisas.

Ha, nesta capital, um regimento

De tropa regular, a quem se daga.(...)

Exercícios

1. Gregório de Matos, no texto em questão, traz a sua faceta lírica, com a temática amorosa ganhando destaque. Já o texto de Tomás Antônio Gonzaga, Cartas Chilenas, conforme estudado neste material, possui um caráter satírico e irônico, buscando criticar o governo mineiro.

Poema satírico sobre os desmandos administrativos e morais imputados a Luís da Cunha Menezes, que governou a Capitania das Minas de 1783 e 1788:

- a) Marília de Dirceu
- b) Vila Rica
- c) Fábula do Ribeirão do Carmo
- d) Cartas Chilenas

2. Leia o fragmento abaixo, extraído de Cartas chilenas, de Tomás Antônio Gonzaga:

[...]

Ora pois, doce amigo, vou pintá-lo
da sorte que o topei a vez primeira;
nem esta digressão motiva tédio
como aquelas que são dos fins alheias,
que o gesto, mais o traje, nas pessoas
faz o mesmo que fazem os letrados
nas frentes enfeitadas dos livrinhos,
que dão do que eles trazem boa ideia.

[...]

Sobre o livro Cartas chilenas, de Tomás Antônio Gonzaga, e sobre o filme O Aleijadinho, de Geraldo Pereira dos Santos, é INCORRETO afirmar:

- a) O poema foi escrito para satirizar as arbitrariedades de um governador da Vila Rica Colonial.
- b) As narrativas, com linguagens específicas, representam um importante momento da evolução histórica do Brasil.
- c) O poeta vale-se de textos históricos para criar uma poesia de inquestionável valor documental.
- d) O título do poema é uma simulação do autor para deslocar de Vila Rica os acontecimentos daquele momento histórico.

3. (UPE – 2013)

Anjo no nome, Angélica na cara
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,
Ser Angélica flor, e Anjo florente,
em quem, senão em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara
De verde pé, de rama florescente?
E quem um Anjo vira tão luzente,
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu custódio, e minha guarda,
Livrra eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,
Posto que os Anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.
Gregório de Matos

Ora pois, doce amigo, vou pintá-lo
Da sorte que o topei a vez primeira;
(...)
Tem pesado semblante, a cor é baça
O corpo de estatura um tanto esbelta
Feições compridas e olhadura feia;
Tem grossas sobancelhas, testa curta,
Nariz direito e grande, fala pouco
Em rouco, baixo som de mau falsete;
Sem ser velho, já tem cabelo ruço,
E cobre este defeito e fria calva
À força de polvilho, que lhe deita.
Ainda me parece que o estou vendo
No gordo rocinante escarranchado!
As longas calças pelo umbigo atadas,
Amarelo colete e sobre tudo
Vestida uma vermelha e justa farda.
De cada bolso da fardeta pendem
Listadas pontas de dois brancos lenços
(Cartas Chilenas)

O texto 7 é um poema de Gregório de Matos, pertencente à estética barroca; já o texto 8 faz parte das Cartas Chilenas, de Tomás Antônio Gonzaga, essas produzidas no período literário do Arcadismo brasileiro. Considerando os fragmentos citados, bem como os aspectos estéticos e históricos dessas cartas, e do poema, analise as afirmações abaixo e assinale a alternativa CORRETA.

- a) Gregório de Matos, por se submeter aos padrões estéticos barrocos, afastou-se da tradição poética satírica, que marcou o século XVI, já Tomás Antônio Gonzaga se aproximou da sátira barroca por seguir a mesma linha de Gregório, que criticava apenas os religiosos baianos do século XVI.
- b) Gregório e Gonzaga revelam, nesses textos de caráter religioso, um comportamento conflitante idêntico àquele manifestado por Gil Vicente em seu Auto da Barca do Inferno, texto dramático representante da lírica renascentista espanhola.
- c) Teocêntrico convicto, Gregório nega os valores antropocêntricos do Renascimento brasileiro, endossando os princípios da Contra-Reforma. Gonzaga, por sua vez, como fiel antropocêntrico, critica o homem, tal como se vê nos versos do poema em questão.
- d) A poesia lírico-amorosa, de Gregório, compõe uma expressão literária multifacetada, reflexo dos contrastes ideológicos que marcaram o século XVII. Já a poesia de Gonzaga utiliza-se de um forte teor irônico-satírico para traçar o perfil de Cunha Meneses, governo de Minas Gerais à época árcade.
- e) Gregório de Matos foi o divulgador, aqui no Brasil, da mais alta expressão da lírica trovadoresca ao produzir não só cantigas satíricas como também cantigas de amor e de amigo, e Gonzaga foi seu fiel seguidor nesse processo.

4. Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.
(Tomás Antônio Gonzaga)

Nos versos acima:

- a) O eu-lírico, ao lamentar as transformações notadas em seu corpo e alma pela passagem do tempo, revela-se amoroso homem de meia-idade.
- b) Que retomam o tema e estrutura de uma “canção de amigo”, está expresso o estado de alma de quem sente a ausência do ser amado.
- c) Nomeia-se diretamente a figura ironizada pelo eu-lírico, a mulher a quem se poderiam fazer convites amorosos mais ousados.
- d) Em que se notam diálogo e estrutura paralelística, o ponto de vista dominante é o do amante que vê seus sentimentos antagônicos refletidos na natureza.
- e) A natureza é o espaço onde o amado se sente à vontade para expressar diretamente à amada suas inclinações sensuais.

5. O tom satírico verificado em Cartas chilenas, de Tomás Antônio Gonzaga, também está presente na seguinte estrofe de Gregório de Matos (1636-1696):
- a) Meu Deus, que estais pendente de um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme e inteiro:
 - b) Ardor em firme coração nascido;
Pranto por belos olhos derramado;
Incêndio em mares de água disfarçado;
Rio de neve em fogo convertido:
 - c) Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,
É verdade, Senhor, que hei delinquido,
Delinquido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.
 - d) Senhor Antão de Sousa de Meneses,
Quem sobe a alto lugar, que não merece,
Homem sobe, asno vai, burro parece,
Que o subir é desgraça muitas vezes.
 - e) À margem de uma fonte, que corria,
Lira doce dos pássaros cantores
A bela ocasião das minhas dores
Dormindo estava ao despertar do dia.

Gabarito

1. D

As cartas chilenas marcaram o cenário de Minas Gerais, uma vez que, de modo anônimo, criticaram o sistema governamental vigente.

2. C

As cartas chilenas, na verdade, estabelecem uma releitura da realidade brasileira e possuem caráter satírico. Sendo assim, é incorreto alegar que o texto é pautado em fatos históricos que servem como documento.

3. D

No primeiro texto, nota-se uma das faces presentes na poética de Gregório de Matos, sendo a temática lírica/amorosa. No poema, observamos o paralelo estabelecido entre uma figura amada e um anjo. Já no texto seguinte, extraído das Cartas Chilenas, a temática é diferente: carregadas de um teor irônico e satírico, as cartas em questão procuram trazer uma crítica ao governo vigente em Minas Gerais.

4. E

No Arcadismo, o ambiente natural é utilizado, muitas vezes, como cenário para a expressão do convencionalismo amoroso. Nesse sentido, o eu lírico usufrui desse cenário para expressar à amada suas inclinações amorosas, a fim de aproveitarem o presente enquanto os amantes ainda são jovens.

5. D

O tom satírico e, inclusive, ofensivo, está presente nos versos da alternativa D. O eu lírico traz alguns xingamentos direcionados, como em 'asno vai, burro parece'.